Resenha Crítica

Ivanhoe, Walter Scott

Enzo Hubner M de Andrade — Licenc. História

Introdução

Nesse trabalho, terei por objeto de análise a obra Ivanhoe, de Walter Scott. Lançada em 1819, essa obra — somada a outras escritas pelo autor — foi responsável por fundar o romance histórico, conferindo, portanto, a Walter Scott o título de "Pai do Romance Histórico".

A narrativa retrata a Inglaterra no final do século XII, período em que Ricardo Coração de Leão ainda não retornara da Terceira Cruzada, da qual foi líder, e seu irmão João assumia o trono. Entretanto, trata-se de uma ambientação que ocorre aproximadamente seis séculos antes da vida de Walter Scott, que, além de não exercer o ofício de historiador, era escocês — o que já impõe um certo distanciamento em relação à história inglesa.

Ainda assim, Scott oferece em sua obra uma reconstrução bastante próxima da realidade histórica, a qual, segundo ele mesmo afirma na "Epístola Dedicatória ao Rev. Dr. Dryasdust, F.A.S.", foi fruto de pesquisas individuais e da colaboração com amigos historiadores.

Além disso, o autor declara desejar superar a ideia de que a inclusão de elementos fictícios em um romance histórico significaria "poluir o poço da história", ao traduzir modos de vida, linguagens e cenários do passado de forma a despertar o interesse do leitor moderno, sem, evidentemente, alterar os fundamentos do período retratado.

Portanto, este trabalho tem por intuito analisar o contexto histórico representado por Walter Scott e, além disso, evidenciar os anacronismos e anatopismos que surgem justamente em razão desse objetivo.

Análise Crítica

Ivanhoe, como já dito, retrata a Inglaterra ao final do século XII, ou seja, cerca de cem anos após a conquista normanda - povo germânico estabelecido na região da Normandia na França - do território inglês. Assim, o pano de fundo da narrativa são as rixas e desavenças entre os normandos — os conquistadores — e os saxões, povo dominado.

Scott retrata os normandos, por meio de personagens como o Príncipe João e Reginald Front-de-Boeuf, como figuras prepotentes, soberbas e, muitas vezes, agressivas, enquanto aos saxões é atribuída uma posição de submissão, quase servil. Por outro lado, Cedric — apelidado de "O Saxão"— um personagem de renome e poder, representa o pilar conservador da antiga cultura, manifestando ao longo da obra forte repulsa aos normandos e, não raramente, recusando-se a tratá-los com cordialidade por não possuírem o sangue da coroa saxônica.

De fato, mesmo após a conquista normanda, as desavenças entre as duas culturas persistiram por um bom tempo. No entanto, no período histórico retratado em Ivanhoe, essas diferenças já não eram tão evidentes, considerando mais de um século de convivência e miscigenação entre normandos e saxões — marcada, inclusive, por frequentes casamentos mistos. Ainda assim, Walter Scott recorre ao anacronismo para exagerar o conflito entre os povos e criar um pano de fundo dramático para a trama.

Um ponto importante que merece destaque no romance é a questão linguística. Durante o conto, W. Scott ressalta frequentemente o uso do latim pelos personagens, na maioria das vezes por razões eclesiásticas, como em "pax vobiscum"ou "vade retro", o que demonstra a importância atribuída à utilização do latim na Idade Média. Além disso, a linguagem é um instrumento fundamental para compreendermos a disputa entre os dois povos: o francês e o latim, falados pela elite normanda, contrastavam com o inglês antigo, de raiz saxônica. Scott sugere, em sua obra, os sinais da inevitável fusão dessas línguas, especialmente por meio das falas dos personagens das camadas mais baixas, que utilizam termos oriundos de ambas as tradições linguísticas. Um exemplo marcante é a fala irônica de Wamba, o bobo da corte, ao comentar sobre a palavra porco: “Penso que pork esteja em bom francês da Normandia; portanto, quando o animal vive e está sob a responsabilidade de um escravo saxão, usa-se seu nome saxão, swine; mas se torna normando e é chamado de pork quando é levado para o salão do castelo para banquetear com os nobres.”

A observação sarcástica de Wamba revela, com aguda crítica social, a separação entre quem cria e quem consome, além de expor como a dominação normanda se reflete até mesmo nos vocábulos cotidianos — marcando simbolicamente a desigualdade entre os povos dentro da linguagem.

Essa fusão linguística também se manifesta na estrutura social representada por Scott, por meio de títulos que evidenciam a tensão cultural: o thane, nobre saxão fiel às tradições; o cniht (ou knight), cavaleiro inicialmente servo militar; e o franklin, homem livre e proprietário rural, porém sem título de nobreza. A coexistência desses termos, com raízes saxônicas e normandas, reflete tanto a complexidade social quanto o processo de mestiçagem linguística e cultural em curso na Inglaterra medieval — processo que só começaria a ganhar uma direção mais definida quando, em 1362, Eduardo

III promulgou o Statute of Pleading, tornando o inglês a língua oficial dos tribunais, em substituição ao francês com inflexão normanda.

A tensão cultural se materializa em um personagem emblemático do imaginário popular, já presente nas baladas medievais inglesas, mas popularizado por Ivanhoe: Robin Wood. O arqueiro saxão aparece como figura de resistência e justiça contra a opressão normanda.

Cabe ressaltar, porém, o ponto de vista histórico, a qual a rivalidade entre normandos e saxões gradualmente cedeu lugar a conflitos de natureza social e econômica. Do século XIII ao XIV, surge uma nova tensão entre camponeses e senhores feudais — uma disputa que culmina, em 1381, na Revolta dos Camponeses. Essa mudança não elimina, evidentemente, o impacto da dominação normanda sobre os saxões, mas mostra que o foco das desavenças se deslocou da identidade cultural para a estrutura hierárquica do sistema feudal inglês.

No contexto desse conflito cultural, Walter Scott introduz a figura de Ricardo I, conhecido como Ricardo Coração de Leão. Historicamente, Ricardo foi um rei normando amplamente conhecido por sua bravura e habilidade militar. Ele deixou o trono inglês para atuar como um dos principais comandantes da Terceira Cruzada. Embora tenha enfrentado muitas dificuldades, conseguiu retornar de sua empreitada no Oriente Médio. No entanto, durante uma viagem à França, relacionada a disputas fronteiriças, acabou sendo mortalmente ferido por uma flecha.

Dessa forma, é evidente que Ricardo passou pouquíssimo tempo na Inglaterra, demonstrando um interesse muito maior pelas campanhas militares, que, por sua vez, contribuíram para o esgotamento financeiro do reino. Apesar disso, Scott se apropria da fama de coragem e honra associada a Ricardo para construí-lo como um monarca idealizado, digno e preocupado com seu povo.

Trata-se, portanto, de uma incongruência histórica intencional: mesmo sendo normando, Ricardo é representado como uma figura unificadora, admirada tanto por saxões quanto por normandos. Na lógica do romance, ele se torna o símbolo da fusão entre os dois povos, servindo como um elo possível entre culturas antes antagonizadas.

Além desses dois grandes grupos, um terceiro, marginalizado por ambos, é inserido na narrativa: os judeus. Na Idade Média, com as Cruzadas e o domínio da Igreja Católica como pano de fundo, o antissemitismo era profundamente enraizado na sociedade da época. Em Ivanhoe, um personagem importante pertence a esse grupo: Isaac de York, que reforça o estereótipo do judeu avarento - hesitando em gastar dinheiro para salvar sua filha -, acumulador de riquezas, exercendo a função de agiota. Além disso, é retratado como alguém desrespeitado e humilhado pelos demais personagens, o que evidencia a marginalização e o preconceito presentes na sociedade medieval.

Outro ponto na análise histórica de Ivanhoe são as incongruências históricas. Um

grande anatopismo do romance ocorre quando Scott situa a Batalha de Stamford Bridge no rio Derwent, próximo a Stamford, quando, na verdade, ela ocorreu em Stamford Bridge, no East Riding de Yorkshire, perto de York. Além disso, Ivanhoe contém diversas expressões idiomáticas da época do autor, assim como idealizações da Idade Média, como o código de conduta irresoluto dos cavaleiros e dos templários, que não são corretas. Porém, esses fatores foram previamente justificados na epístola supracitada.

Conclusão

Ivanhoe é uma obra literária bem estruturada e desenvolvida, que em certos pontos traz reflexões interessantes sobre o período medieval retratado. No entanto, não pode ser considerada uma fonte confiável para análise histórica rigorosa, uma vez que, como romance histórico, o autor frequentemente introduz incongruências propositais para adaptar a narrativa às expectativas e sensibilidades de seu público contemporâneo. Walter Scott viveu durante o Romantismo europeu, um movimento cultural marcado pela valorização da emoção, do heroísmo e da idealização do passado. Nesse contexto, as narrativas buscavam exaltar um imaginário medieval glorificado, que nem sempre corresponde às complexidades e realidades históricas do período.

Scott constrói personagens e eventos que refletem mais os valores e as tensões do século XIX do que a exatidão histórica do século XII. Essa idealização se manifesta, por exemplo, na representação da cavalaria como um código de honra quase absoluto e na divisão simplificada entre normandos e saxões, que oculta as nuances sociais, políticas e culturais reais. Além disso, o uso de expressões idiomáticas e referências linguísticas do tempo do autor também demonstra a influência da contemporaneidade de Scott na obra, criando um diálogo entre passado e presente.

Portanto, neste trabalho, busquei destacar os aspectos essenciais de Ivanhoe que contribuem para a compreensão do imaginário medieval construído por Scott, contrapondo-os aos acontecimentos históricos reais do período. Essa abordagem permite entender tanto o valor literário da obra quanto seus limites enquanto documento histórico, ressaltando a importância de uma leitura crítica que considere o contexto de produção e as intenções do autor.

Referências

SCOTT, Walter. Ivanhoe. São Paulo: Clube de Literatura Clássica.